

CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA ORAL NA AMAZÔNIA: VOZES DE PROFESSORES EM HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA MANAUARA

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

FILHO; JOÃO DA COSTA CAVALCANTE¹

RESUMO

Contribuições da HISTÓRIA ORAL na amazônia: VOZES de professores em histórias DE VIDA E narrativas na educação básica manauara[1]

João Cavalcante Filho[2]

Resumo

Este artigo apresenta um ensaio teórico que debate a História Oral como aporte investigativo que relaciona a memória com os processos formativos de professores/as na Amazônia. Compreende-se, assim, a escola como lugar privilegiado de interação de memórias (auto) biográficas que estão situadas nos aspectos pessoais, profissionais e sociais de professores/as do ensino básico. Destarte, as Histórias de Vida e as Narrativas se tornaram epistemologia de investigação e formação em dimensões ontológicas, pedagógicas e sociais que ampliam as “vozes” de professores/as, valorando seus saberes e fazeres para se pensar sobre as seguintes questões: (1) O que é “ser” professor/a no ensino básico manauara? (2) Como as histórias de vida e narrativas de professores/as contribuem para a formação em serviço na educação básica? (3) Como ocorre a (trans) formação da pessoa do/a professor/a que atua no ensino básico? Portanto, as histórias de vida e narrativas são propostas de formação e autoformação, quando os educadores/as manauaras contam suas histórias para aprender e ensinar no ensino básico manauara.

Palavras-chave: História Oral. Histórias de vida. Narrativas. Ensino básico. Formação de Professores manauaras.

Abstract:

This article presents a theoretical essay that debates Oral History as an investigative contribution that relates memory with the training processes of teachers in the Amazon. Thus, the school is understood as a privileged place for the interaction of (auto) biographical memories that are situated in the personal, professional and social aspects of teachers of basic education. Thus, Life Stories and Narratives became epistemology of research and training in ontological, pedagogical and social dimensions that expand the “voices” of teachers, valuing their knowledge and actions to think about the following issues: (1) What does it mean to “be” a teacher in basic education in Manaus? (2) How do teachers' life stories and narratives contribute to in-service training in basic education? (3) How does the (trans) formation of the person of the teacher who works in basic education take place? Therefore, life stories and narratives are proposals for training and self-training, when educators from Manaus tell their stories to learn and teach in basic education in Manaus.

Keywords: Oral History. Life stories. Narratives. Basic education. Training of teachers in Manaus.

Introdução

Este trabalho tem a intenção de apresentar as potencialidades epistemológicas e metodológicas da História Oral, como método de investigação que contribui para promoção e aprimoramento da formação de

¹ SEDUC-AM, joao_c_filho@hotmail.com

professores/as, com interesse de valorar os saberes e experiências docentes no contexto da educação básica amazônica.

É assim que os professores/as enfrentam distintos desafios que marcam a prática pedagógica cotidiana. Assim sendo, a História Oral é uma metodologia de pesquisa que compreende as trajetórias de vida e profissão docente, de modo que suas “vozes” dialoguem com o cotidiano, como propõe Kramer^[3] (1994) quando afirma que “as vozes de todas as gerações, de hoje, com as de ontem precisam ser ouvidas”, sendo que Freitas legitima a mesma idéia de que,

[...] Essas vozes, através da linguagem, revelam toda uma peculiaridade cultural, permitindo que ocorra o entrelaçamento do passado com o presente, uma vez que o homem não faz história simplesmente começando de novo e ignorando os feitos de seus antecedentes. (FREITAS, 2000, p. 101).

Assim, no princípio do trabalho profissional cotidiano é que os professores/as busquem a essência identitária do educador, em diálogo com colegas de profissão e gestão escolar (diretores e coordenadores pedagógicos^[4]), interagindo com seus alunos na sala de aula, a fim de promover o diálogo com pais e/ou responsáveis de alunos no intuito de envolver a comunidade do entorno.

Portanto, as histórias de vida e narrativas têm potencial teórico-metodológico que transforma aspectos do cotidiano, reelabora a observação de nuances da vida escolar, consentindo que as narrativas de professores/as sirvam de instrumental para construção de roteiros que indicam os saberes e experiências docentes na escola básica.

Assim, a vida escolar pode revelar a vida de professores/as em aspectos de silêncio institucional que confina o docente na sala de aula, de ocupação de afazeres de ensino, com regras de obediência às ordens vindas de pessoas [pouco democráticas], de se conformar com a existência de ambientes escolares de pouca ou nenhuma colaboração, sem levar em conta as necessidades pessoais e profissionais docentes no ensino básico (NÓVOA, 2003).

Neste artigo, portanto, serão tomadas as trilhas de valoração de professores/as no processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Levam-se em conta as experiências de sentido ontológico, pois acreditamos na relevância de compreender as relações que norteiam a vida pessoal e profissional dos docentes, que são colaboradores da formação de demais profissionais e pessoas.

MÚLTIPLOS OLHARES NA HISTÓRIA ORAL

A História Oral surge com o aparecimento de estudos sobre a memória de forma estudos interdisciplinar na ciência. De modo inicial, com os estudos da Psicologia sobre a constituição da memória sob a premissa da preservação de lembranças marcantes na história de cada ser humano, pois “[...] graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está (POULET, 1992, p. 54, apud ORRÚ, 2021, p. 12).

A memória funciona como uma atalaia do tempo que aconselha sobre o ritmo de recordações de fatos, acontecimentos e movimentos, bem como de velar e zelar pela liberdade humana, que a todo tempo é passível de nos ser seqüestrada, ao ser condenada ao esquecimento, de forma que “[do] latim, *recordare* significa, fazer passar novamente pelo coração, este órgão que no passado dizia-se ser a sede da memória” (ORRÚ, 2021, p. 12).

No século XX, os estudos científicos sobre a memória tiveram concentração na medicina psiquiátrica. Esta assumiu o interesse de analisar possíveis efeitos de perturbações psíquicas com atenção a remediar o esquecimento (total ou parcial), de forma clínica e medicamentosos, como no caso da memória afetada pela amnésia, doença que afeta as lembranças do paciente.

Segundo Cano (2012), a memória se tornou interesse de questões políticas e sociais. Novos estímulos foram projetados em objetos, textos e imagens que se tornaram ferramentas de estudos interdisciplinares nos campos da História, Sociologia, Antropologia, Educação e Geografia, sendo que a memória se tornou fonte de estudos para pesquisadores tenazes de ressignificar os fatos do passado como memória social na modernidade.

Essa concepção de “memória social” ganhou destaque, sobretudo, no interior das Ciências Humanas. O sociólogo francês Maurice Halbwachs desenvolveu a temática ainda nos 1920. Ele concluiu que os conceitos

sobre a memória extrapolassem as interpretações psicologizantes para “novo processo e construções sociais como alicerces para formação e perpetuação da memória (CORDEIRO, 2014, p. 25).

Agostini (2020) dialoga com Walter Benjamin, que contribuiu para compreensão o papel da memória na sociedade, de modo que considerou que a memória se encontrava em patamar superior da cultura, assumindo o papel de guia na produção de símbolos, representações e materiais que fornecem sentido à vida humana como a reflexão, o afeto e o desejo são bens simbólicos produzidos e admirados pela sociedade de seu tempo.

Para Benjamin (apud Agostini, 2020), a memória, mesmo inconsciente, torna-se lugar de produção imagética da história, como meio de homens e mulheres se apropriarem do passado, de forma que este seja cognoscível no presente, como fonte que colabora com a construção de novos modelos que forjem homens e mulheres para a vida social.

A História Oral, por sua vez, desenvolveu-se com as pesquisas que utilizam a memória para observar as minúcias da história, que outras fontes nem sempre são perceptíveis para compreensão do passado, como textos e imagens de épocas passadas, pois segundo Alberti (2019), a História Oral:

[...] é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos ou conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2019, p. 155).

Dessa forma, a História de vida é uma fonte de conhecimento dinâmico, profundo e promissor que retrata as experiências prospecta a vida de um indivíduo através do relato “oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 2006, p. 101).

As Histórias de Vida foram muito utilizadas no contexto de desenvolvimento da sociologia norte-americana, a partir do início do século XX. Elas se basearam nas primeiras formas de escrita autobiográfica, pois os primeiros sujeitos entrevistados foram os nativos norte-americanos (BARRET, 1906; RADIN, 1920, apud GOODSON, 2020).

Portanto, desde essa época que os sociólogos e demais estudiosos da área de ciências humanas passaram a adotar, cada vez mais, a abordagem da História oral de vida, mesmo diante das críticas sobre sua cientificidade, que fizeram com ela se arrefecesse como estratégia epistemológica e metodológica na produção da pesquisa qualitativa.

A História de Vida, assim como as abordagens biográficas e narrativas, agora é amplamente apreciada como instrumental de pesquisa, que passaram a ponderar os percursos, percalços e trajetórias de indivíduos/grupos sociais, renovando-se como método de pesquisa que apresentava simples relatos opinativos para se tornar fonte dinâmica que representa o tempo e espaço como constituições sociais que compreendem a história de vida (GOODSON, 2020).

Assim, os documentos biográficos (memórias, biografias, histórias de vida etc.) não poderão representar a individualidade separada do contexto social, quando os indivíduos participam de ações na sociedade, de modo que essa tem relação direta com as ações dos indivíduos, conforme que a interação dos sujeitos é simplesmente “uma síntese complexa de elementos sociais” (FERRAROTI, 1983, p. 65, apud PAIS, 2003).

[...] Se cada biografia aparece como síntese de uma história social e, paralelamente, cada comportamento ou ato individual aparece como síntese de uma estrutura social, há sempre um movimento de vaivém, da biografia ao sistema social e deste à biografia. Ou seja, o sistema social – na medida em que não existe fora dos indivíduos – manifesta-se sempre na vida individual, de tal forma que pode ser apreendido a partir da especificidade das práticas individuais (PAIS, 2003, p. 151).

É a partir de sua tese da individualização que o sociólogo francês Bernard Lahire (2004) argumentará sobre as possibilidades dos indivíduos serem portadores de um conjunto diverso de disposições e de múltiplas competências que, quando ativadas em diversos contextos de ação, promovem observar os indivíduos, ao invés da exclusiva ação de classes sociais, como produtos de escolhas distintas na vida social (MIRA; BERTONCELO, 2019).

Lahire (2004) lança mão da análise sociológica em “escala individual” para assim compreender as experiências de vida que inserem os indivíduos nas múltiplas relações sociais, e que colaboram para formar as disposições que compõem os sujeitos, de modo a distinguir a identidade pessoal, profissional e de ações sociais interpretadas pelo indivíduo.

Os contextos microssociológicos ofertam opções que, quando assumidas pelos indivíduos, fortalecem as experiências plurais, que marcam os percursos individuais nos grupos sociais diversos, como as relações familiares, a trajetória escolar, a inserção no mundo do trabalho, a participação eclesial etc.

No Brasil, a História Oral surgiu em 1975, com patrocínio da Fundação Ford para realização de cursos por especialistas norte-americanos e mexicanos. Assim, através da metodologia desenvolvida pela Universidade de Columbia que foi possível desenvolver os primeiros programas formativos de história oral, como os desenvolvidos pelo Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, que colaborou para desenvolver o interesse pela memória individual e coletiva (FERREIRA, 1998 apud VERGARA, 2006).

ESCOLA BÁSICA: FORMAÇÃO E MEMÓRIAS

O ensino básico é campo estratégico de metodologias que colaboram para entender os processos de formação de professores para atuação no ensino básico. Desse modo, compreende-se que a formação continuada de professores não será a responsável exclusiva de transformar a realidade da escola, “mas poderá ser um elemento de grande contribuição para realizar essas transformações” (CHRISTOV, 2012)

A educação no Brasil está organizada sob a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), que definiu a Educação Básica formada por Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Lei ainda assegurou o desenvolvimento integral do educando, através da formação comum indispensável para o exercício da cidadania, com acesso aos meios materiais e socioculturais, para progressão social no trabalho e em estudos posteriores (OLIVEIRA, 2008).

Destarte, a educação no estado do Amazonas se insere no contexto do processo civilizador produzido pela escola para construção do pleno exercício da cidadania. A educação é uma prática social que colabora com a inclusão social, de modo que o crescimento econômico deveria integrar o desenvolvimento sustentável, com valorização da diversidade de povos na região amazônica (MORAIS, 2007).

Cabe à escola o papel de promotora de processos de formação continuada de professores, visando à melhoria de melhor ensino. Desse modo, busca-se compreender a escola como lugar privilegiado de memórias, que revelam a pessoa do professor, assim como valorizar “a subjetividade e a importância de se ouvir a voz do professor” (SOUZA; MIGNOT, 2008).

Christov (1998) explica que o termo educação continuada traz embutido várias críticas aos modelos formativos que, em passado recente, utilizavam títulos que nominam seriados programas, planos e projetos de formação de professores, como: “treinamento”, “capacitação”, “reciclagem” entre outros.

[...] a formação continuada não deve ser confundida com ações pontuais ou extensivas de formação, cujos efeitos são bastante limitados e discutíveis. Mesmo quando são planejados visando divulgar novas ideias ou sensibilizar os professores para aspectos importantes de seu trabalho (através de minicursos ou oficinas, por exemplo), esses eventos não carregam as características da formação continuada (FREITAS, 2007, p. 25).

Os cursos de formação em serviço de professores/as tiveram a incapacidade de atender os professores. Alguns cursos propuseram conteúdos teóricos com pouco tempo de formação. Outros foram baseados em experiências pedagógicas de pouca reflexão teórica. A formação se tornou desinteressante, e limitando os professores ao planejamento de avaliações e aulas (FREITAS, 2007).

Segundo Romanowski (2007), o objeto da educação continuada é a melhoria do ensino, não apenas pelo aspecto profissional, sendo que esses programas precisam ser organizados a partir de saberes diversos: científicos, críticos, didáticos, relacionais, saber-fazer pedagógico e de gestão, [...] de forma que a formação continuada enfatize as práticas dos professores como eixo condutor da formação pessoal e profissional.

Tardif (2002) corrobora com a ideia de que:

[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares na escola [...]. Por isso é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente (TARDIF, 2002, p. 11).

Nesse sentido, Larrosa (2002) considera o conceito de experiência como compreensão daquilo que deixa marcas, lembranças significativas e profundas no sujeito que a vivencia porque produz algum tipo de transformação tanto em sua vida como também em suas compreensões e ações, pois “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (apud RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 37).

Souza (2006) entende que a narrativa e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processos de formação e de saberes, porque são ancorados em experiências de vida acumuladas nos percursos da experiência e de transformações na identidade vivida por quem vivencia processos de formação e desenvolvimento pessoal e/ou profissional.

[...] a aprendizagem da experiência como dimensão do trabalho com a abordagem experiencial ou biográfica, permite-nos acessar as narrativas (auto) biográficas da história de vida, por entender que a fecundidade de tal opção possibilita apreender de um outro lugar as aprendizagens que foram construídas ao longo da vida e potencializá-las no percurso de formação (SOUZA, 2006, p. 136).

Dessa forma, os docentes construirão, através do processo de formação continuada, novos modos de operar sobre o conhecimento de “si”, bem como apreender as dimensões para se tornar responsável pela formação na escola, da profissão e do trabalho pedagógico, ao realizar o exercício da recursividade e da criação de memórias através das histórias de vida de pedagogos no ensino básico (RIBEIRO; SOUZA, 2010).

Segundo Bozzeto (2000) as singularidades produzidas pelos professores são amparadas pelo modo de agir, reagir e interagir de cada pessoa. Assim, um percurso de vida poderá ser sinônimo de um percurso de formação contínua, movimentando-se em direção às essências da vida da pessoa, sendo que o percurso realizado pela pessoa constitui um processo de formação que complexo desenrolar.

Assim a abordagem biográfica permite que os professores possam falar sobre suas experiências formativas, seus percursos diversos, como as influências do meio familiar, da escola básica, do período de formação universitária, do trabalho desenvolvido enquanto professor-profissional, para que compreendam quem são e o que fazem cotidianamente na escola de ensino básico (RODRIGUES JÚNIOR, 2016).

Nesse sentido, a abordagem biográfica constitui-se em metodologia para pesquisar a história de vida com objetivo de identificar, analisar e compreender as interações entre o processo de formação de professores e o processo global de formação da pessoa do professor, de modo a compreender os significados que estão presentes no indivíduo na relação com a sociedade (BOZZETO, 2000).

Souza (2006) afirma que as histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos para coleta de dados, que podem ser agrupadas em forma de documentos pessoais, como autobiografias, diários, fotografias, cartas e objetos pessoais. E ainda na forma de entrevistas biográficas orais ou escritas, de modo que:

[...] as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como objeto a ser considerado, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que esteja vinculado (SOUZA, 2006, p. 137).

As histórias de vida admitem captar como uma pessoa, permanecendo ela própria, passa por transformações que mobilizam “seus conhecimentos, valores e energia, dando forma à sua identidade através do diálogo com seus contextos: identificar as continuidades, assim como rupturas e coincidências no tempo e no espaço, demarcando as “transferências” de preocupações e interesses em diversos espaços do cotidiano” (BOZZETTO, 2000).

À GUIA DE (NÃO) CONCLUIR...

A realização deste artigo visou apresentar diversos olhares sobre as contribuições da História Oral que, através das histórias de vida, colabora com a formação de professores/as do ensino básico. Nascida a partir de estudos sobre a memória, a História Oral se transformou em veículo interdisciplinar de investigação sobre os saberes e experiências de professores/as no ensino básico.

A História Oral compreende uma metodologia de pesquisa que visa ao estudo do registro de acontecimentos do passado, assim como compreender as histórias de vida de pessoas, observar as trajetórias de organizações, de modo que sua principal técnica de coleta de dados é a entrevista em que o entrevistado revive suas memórias através de seu relato de vida.

As histórias de vida e narrativas, por sua vez, como método (auto) biográfico, podem contribuir para compreender a vida pessoal e profissional de professores/as que, através do trabalho cotidiano, colaboram com os processos de ensino-aprendizagem de crianças, jovens e adultos no chão da escola, necessitando desta para realizar a formação continuada em serviço docente.

Enfim, falar de docência é fazer alusão ao “ser professor/a”. Assim, os professores são pessoas entrelaçadas em variados contextos sociais, reverberando Jennifer Nias (apud Nóvoa, 1992), quando afirmou que “o professor é uma pessoa e parte importante da pessoa é o professor”, de modo que faz-nos renovar a esperança de voltar os olhares para “si” dos professores/as no ensino básico manauara (CAVALCANTE; COSTA, 2002)

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2019.

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2019.

BOZZETO, Ingrid. **História de vida: formação e profissão**. In: MARTINAZZO, Celso José. História de vida de professores. Ijuí: Unijuí editora, 2000.

CANO, Márcio (Org.). **História** (Coleção A reflexão e a prática de ensino). São Paulo: Blucher, 2012.

CAVALCANTE, Lucíola; COSTA, Valéria. A docência em questão. In: Manaus: **Revista Amazônida**, Ano I, n. 1, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHRISTOV, Luiza. Educação Continuada: função essencial do coordenador pedagógico. In: GUIMARÃES, Ana. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Loyola, 1998.

CORDEIRO, Veridiana. Os diferentes enfoques da memória. In: São Paulo: **Revista Sociologia**, Ano V, Ed. 55, Nov.-Dez. de 2014.

FREITAS, Alexandre. Os desafios da formação de professores no Século XXI: competências e solidariedade. In: **Formação continuada de professores: questões para reflexão**. FERREIRA, Andrea (Org.), Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOODSON, Ivor. **Aprendizagem, currículo e política de via: obras selecionadas de Ivor F. Goodson**. Petrópolis: Vozes: 2020.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MIRA, Maria C.; BERTONCELO, Edison. Apresentação. In: Revista Estudos de Sociologia / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. – Vol.1, 1996. Araraquara: UNESP/FCLAR, Laboratório Editorial, 1996.

MORAIS, Maria. O papel do pedagogo na instituição escolar: desafios e paradigmas na construção do conhecimento. In: SOARES, Aldenéia et al (Org.). **Por uma educação política no Amazonas: práticas, saberes e valores**. Manaus: Uninorte, 2007.

NÓVOA, ANTONIO. Nota de apresentação. In: OLIVEIRA, Valeska (Org.). **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

OLIVEIRA, Maria. **Projetos, Relatórios e Textos na Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORRÚ, Sílvia Ester. **A inclusão menor e o paradigma da distorção**. Petrópolis: Vozes, 2021.

PAIS, José. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PARENTE, Cláudia et al. **A formação e professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015.

RIBEIRO, Neurilene; SOUZA, Elizeu. As cartas e as histórias de vida: dilemas e aprendizagens da docência em língua portuguesa. In: OLIVEIRA, Inês B. **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP&A, 2010.

RODRIGUES JÚNIOR, José. **Narrativas de vida e saberes de professores da educação física**. Curitiba: Appris editora, 2016.

ROMANOWSKI, Joana. **Formação e profissionalização docente**. 3ª Ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

SOUZA, Elizeu C. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Elizeu; MIGNOT, Ana (Orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro:

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERGARA, Sylvia. **Métodos de pesquisa em administração**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

[1] Trabalho originado a partir de dissertação de mestrado que versa sobre histórias de vida e formação Cf. CAVALCANTE FILHO, João. Narrativas de professores da educação de jovens e adultos: retrato do CEJA Jacira Caboclo. Manaus: IFAM/CMC, 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico – MPET), Centro Manaus Centro, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, 2018, sob orientação do Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano. Site de acesso ao texto: www.ifam.edu.br/dissertacoes.

[2] Professor na rede estadual de ensino (SEDUC), Mestre em Ensino Tecnológico (MPET) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM/CMC), no pleno exercício na função de pedagogo do ensino básico na Escola Estadual Farias Brito, Manaus-Amazonas. E-mail: joao_c_filho@hotmail.com.

[3] KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras** arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1994, p. 105.

[4] No contexto da Secretaria de Educação e Desporto (SEDUC-AM) os *coordenadores pedagógicos* são comumente chamados de *pedagogos*.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Histórias de vida, Narrativas, Ensino básico, Formação de Professores manauaras